

METAMORFOSE
À BEIRA DO CÉU

MATHIAS MALZIEU

METAMORFOSE
À BEIRA DO CÉU

Tradução de
TÂNIA GANHO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2013

Chamo-me Tom «Hematoma» Cloudman. Dizem que sou o pior duplo do mundo. Não é uma afirmação completamente falsa. Sou dotado de uma falta de jeito física fora do normal: tenho a capacidade de esbarrar comicamente em tudo e mais alguma coisa. A liberdade dos pássaros impressiona-me, talvez os observe um nadinha demais. Já no recreio da escola, andava de patins na esperança de voar e subtrair uns quantos beijos àquelas minimulheres demasiado crescidas para mim. Caía muito e voava pouco, a não ser em estilhaços negros. Porém, ao menor sinal de interesse do meu «público», invadia-me uma sensação de invencibilidade que tinha tanto de ridículo quanto de agradável. Fiz de tudo para que ela perdurasse: atirar-me do telhado da escola, empoleirado num velho *skate*, abanando umas asas de cartão; tentar levantar voo de bicicleta (incrustei um para-brisas de dentes partidos)... e por aqui me fico. Quanto mais caía, mais popular me tornava. Havia quem me lançasse desafios só para me ver estampar-me. Gozavam muito comigo. Apercebi-me de que adorava isso, esse misto de emoções e de adrenalina a que chamamos «espetáculo». Às vezes, levantava-me rodeado de sapatos envernizados multicolores. Nunca consegui resistir àquelas vozinhas que murmuravam «mais»... Mas cair nunca foi propriamente o objetivo. O que me interessa é o breve instante tão épico quanto incongruente que o precede: o voo.

Quanto mais passavam os anos, mais eu sentia necessidade de fugir ao dia-a-dia. O meu espírito reagia como uma película de emoção fotossensível, na qual o amor e a morte podiam ficar impressos na mesma fração de segundo. Comecei a criar uma

verdadeira fobia às situações normais. As refeições longas, por exemplo, provocavam-me tremuras. Esquecia, perdia e partia telemóveis, porta-moedas e cartões magnéticos. Como é lógico, começaram a não me perdoar estes disparates de criança. Procurava *shots* de adrenalina: saltar do cimo de uma árvore só com um chapéu-de-chuva a servir de amortecedor; descer um rio gelado num bote de borracha furado; escalar a chaminé da casa da miúda que tanto me fazia vibrar... e deixar cair na conduta a pulseira de prata que lhe tinha comprado com tanto esforço... e debruçar-me um nadinha demais para a apanhar e aterrar na sala de estar dela, coberto de fuligem, enquanto ela passava a consoada com a família. Eu precisava sempre de mais: mais alto, mais depressa, mais longe, mais tempo. Vivia como um pião de carne e osso, só mantinha o equilíbrio em movimento. O meu comportamento começava a inquietar os meus familiares e amigos mais chegados.

Fiz os possíveis por me adaptar, mas fui expulso de todos os lugares – inclusive da escola de circo: era demasiado desajeitado. O júri apreciava a maneira como eu saltava no trampolim sem nunca cair na rede, mas explicou-me que um palhaço devia conseguir cair centenas de vezes sem se magoar – o que era tudo menos o meu caso.

Precisava de arranjar uma forma de me integrar e de ganhar minimamente a vida. E porque não um espetáculo de artes populares e acrobacias falhadas? Contar histórias, tocar harmónica, saltar, cantar, talvez voar, sem dúvida cair, mas num espírito de partilha. Partir. Agora.

Decidi fazer-me à estrada instantes apenas depois de ter pensado nisso. Uma velha tenda impermeável, um saco-cama e o campo das possibilidades enfiados numa mochila demasiado pequena, e lá fui eu. Nunca me senti tão leve na vida.

O vento gelado dava brilho às iluminações de Natal, as estrelas pareciam mais perto do que habitualmente. Um cheiro

a crepes emanava de uma casa, exaltação suprema... Já me via a descobrir terras que não existem, a aprender todas as línguas, a inventar outras novas. Mas esbarrei num sentido proibido. O velhaco estava escondido atrás da sua sombra, à saída da aldeia. Deu-me um soco no sobrolho com toda a sua pujança metálica. Volta ao mundo em oitenta segundos. Fiquei a tremer que nem varas verdes. Vontade de tomar um bom banho e uma aspirina gigante. Regresso à casa-mãe.

Esta falsa partida permitiu-me refletir sobre as minhas veleidades de fuga. Precisava de um veículo, uma carapaça dentro da qual me pudesse abrigar mais facilmente. Um automóvel teria sido demasiado perigoso; o carrinho de rolamentos que eu utilizava para descer o meu lote, demasiado frágil. Assim nasceu a ideia de um caixão montado sobre rodas.

Os meses seguintes foram consagrados à preparação da minha nave: contraplacado envernizado por fora, roupa de cama e almofadas por dentro; uma estantezinha para pousar um livro de bolso, um pacote de bolachas e bater com a cabeça; buracos de ventilação no teto, do estilo caixa para animal doméstico; rodas de BMX, carrete de bicicleta de corrida de dez velocidades na parte da frente do aparelho, selim mole e guiador grande. Depois de várias tentativas terrivelmente desencorajadoras, na primavera seguinte, estava finalmente pronta: resplandecente, decorada com autocolantes dos Pixies e nuvens consideravelmente mal pintadas.

Era chegada a hora da tão esperada partida. Afastei-me da saída da aldeia. Transpor o painel que indicava a povoação seguinte causou-me um arrepio na espinha. Podia parar onde quisesse para dormir – até mesmo no cemitério.

O meu caixão rolante revelou-se um verdadeiro íman de curiosos. Até os velhos que adornavam os bancos públicos se interessavam por mim. Geralmente, eu estacionava à sombra de um plátano e tocava um pouco de harmónica, escondido no

habitáculo. Quando o frémito em redor me indicava a presença de um público razoável, eu saltava do caixão a cuspir confetes. Improvisava em torno da morte do Pai Natal, fazendo sapa-teado ao som de uma melodia de Johnny Cash*. Depois, trepava ao que houvesse à mão: uma árvore, o capô de um carro, uma paragem de autocarro. Abria as minhas asas de cartão e fingia que conseguia voar. Caía, magoava-me mais ou menos e terminava o espetáculo deitado dentro do meu caixão sobre rodas. Nunca aparecia em público sem a minha máscara de Zorro. Encontrei-a numa revista. Permitia-me vencer as minhas inibições e manter uma parte de mistério um pouco antiquada. Até para beijar eu a mantinha posta.

De aldeia em aldeia, a minha fama começava a preceder-me. A afluência aumentava, as pessoas traziam-me comida, pensos rápidos e inclusive livros. Eu tinha-me imposto uma regra: nunca permanecer mais de vinte e quatro horas no mesmo lugar. Passava a noite perto dos locais do espetáculo e, assim que raiava o dia, metia-me novamente à estrada. Por vezes, o cansaço e as más quedas obrigavam-me a ficar deitado mais umas horas dentro do meu caixão, mas eu agarrava-me ao meu entusiasmo. O fluxo de liberdade que me corria nas veias deixava-me feliz. Todos os dias, o meu espírito parecia rejuvenescer. Quanto ao meu corpo, envelhecia – a passos largos. Para satisfazer o público, experimentava acrobacias cada vez mais perigosas. Que coisa absurda, se pensarmos bem: alimentar a alma com o barulho de umas quantas mãos a baterem palmas. Avisavam-me, num tom mais ou menos simpático, que corria o risco de não aguentar muito tempo àquele ritmo. A lista de ferimentos e contusões diversas alongava-se do dia para a noite e as minhas costas estalavam como uma velha tábua de madeira podre.

* Cantor americano de música *country*, cuja voz dá vontade de apanhar um comboio. (N. do A.)

Contudo, eu não me cansava destes atalhos, campos magnéticos e outros terrenos, desconsolados por me verem embater nas suas árvores. O meu cérebro é um disco rígido repleto de crepúsculos disfarçados de auroras boreais, de raposas que atravessam as estradas quais foguetões ruços. Este estilo de vida era uma máquina de fabricar surpresas: caracóis colados à minha almofada, ouriços escondidos dentro da minha cama, ou uma miúda de visual gótico que queria dormir no meu caixão... Foi ver-me responder que infelizmente não havia espaço para duas pessoas para ela retorquir que não tencionava dormir no caixão comigo.

E aquele ninho de canários vermelhos, meticulosamente pousado à beira da minha cama, numa bela manhã. Alguns morreram enquanto eu dormia, mas guardei sete sobreviventes. Devo ter sido a primeira coisa que eles viram. De certa forma, tornei-me pai deles. Chamei-lhes a todos Michel Platini*. É bom ter vários Platini para constituir uma equipa. Rapidamente se tornaram parte integrante do espetáculo. Tinha-os sempre na manga. Davam amplitude aos meus gestos e vinham pousar nos meus ombros, quando eu desabava numa lástima. Estudava os seus batimentos de asas, as suas trajetórias. Inspirava-me neles. De dia para dia, a minha paixão pelo céu agudizava-se. A abóbada celeste hipnotizava-me; se pudesse, tinha devorado as nuvens.

Durante esta epopeia em caixão sobre rodas, apaixonei-me pelos livros. Expliquei a um casalinho, que acabara de me oferecer uma obra, até que ponto aquela partilha do imaginário íntimo me comovia. Comecei a receber cada vez mais livros. Como me faltava espaço e não tinha coragem de os abandonar, decidi alimentar a corrente. Assim que terminava um, escrevia

* Michel Platini é um dos maiores artistas do futebol de todos os tempos. Os seus golos, e sobretudo os seus passes, fizeram dele um verdadeiro super-herói. (*N. do A.*)

o que pensava na página em branco que vinha a seguir ao final do texto, precedido desta nota: «*Se encontrar este livro, leia-o e, quando o acabar, escreva as suas impressões, juntamente com a data e o lugar onde o descobriu. Depois, coloque-o num local de passagem, bem à vista.*» Alguns desses livros apanharam o comboio, outros chuva. Alguns andaram perdidos durante muito tempo, outros viveram uma história de amor com uma mala de mão. Um deles voltou inclusive para as minhas mãos, anotado sete vezes.

Palmilhei a estrada tão depressa e com tanta intensidade que nem tive tempo de me ver envelhecer. Até ao dia em que o meu corpo começou a reclamar o que lhe era devido. O sindicato dos músculos tetanizados manifestou-se. Primeiro, em surdina; depois, os ossos desataram a estalar. E os meus nervos esticaram-se tanto que perdi o sono. Percebi, um pouco tarde demais, que devia ter aprendido a amortecer as quedas, inclusive as involuntárias... Sentia que não podia continuar assim, mas não conseguia controlar-me. Queria morrer e renascer a cada espetáculo, puro exibicionismo! Os alarmes bem tinham disparado, mas eu cantava a plenos pulmões para não os ouvir e ganhar coragem para provar mais alguns segundos de eternidade.

Chegado o inverno, a logística complicou-se. O frio tornava as quedas mais dolorosas. O público escasseava. Comecei a multiplicar as acrobacias fora do espetáculo. Um dia, dei cabo da vitrina de uma pastelaria, ao falhar uma viragem. Os miúdos aproveitaram para fugir com *éclair*s de chocolate e a aldeia em peso pensou que eu tinha feito de propósito. Depois de ter arrancado acidentalmente várias caixas do correio, retrovisores e demais portões inocentes, tive de me iniciar na arte da fuga.

Até ser apanhado... Foi no dia a seguir a uma acrobacia particularmente penosa. Ia a subir dolorosamente uma ladeira

debaixo de uma báttega de água. Uma camada de gelo recobria o asfalto. As minhas pernas começaram a ficar hirtas e senti o meu veículo a andar para trás. O caixão começou a ganhar velocidade. Dei por mim no meio da estrada, incapaz de endireitar o guiador. Barulho de motor. Buzina. Explosão de tela e contraplacado marítimo. Buzina. Cheiro a gasolina. Buzina. Voo dos Michel Platini. Buzina.